



Revista Universo Contábil, ISSN 1809-3337
Blumenau, v. 13, n. 4, p. 08-32, out./dez., 2017

doi:10.4270/ruc.2017424

Disponível em www.furb.br/universocontabil



UM OLHAR BOURDIEUSIANO SOBRE AS ESTRUTURAS SOCIAIS DO CAMPO CIENTÍFICO CONTÁBIL BRASILEIRO ¹

A BOURDIEUSIAN VIEW AT THE SOCIAL STRUCTURES OF THE BRAZILIAN ACCOUNTING SCIENTIFIC FIELD

UNA VISIÓN BOURDIEUSIANA ACERCA DE LAS ESTRUCTURAS SOCIALES DEL CAMPO CIENTÍFICO CONTABLE BRASILEÑO

Flaviano Costa

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP)
Professor Adjunto do Departamento de Contabilidade da UFPR
Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 - Campus III – Jardim Botânico
CEP: 80210-070 – Curitiba/PR – Brasil
E-mail: flaviano@ufpr.br
Telefone: (41) 99947-4625

Gilberto de Andrade Martins

Livre Docente em Administração da Universidade de São Paulo
Professor do Programa da Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP
Endereço: Av. Prof. Luciano Gualberto, 908 - Prédio FEA III - Butantã
CEP: 05.508-900 – São Paulo/SP – Brasil
E-mail: martins@usp.br
Telefone: (11) 3091-5820

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar como se apresentam as estruturas sociais do campo científico contábil brasileiro. Para tanto, utilizou a Teoria de Campos de Pierre Bourdieu para embasar os resultados obtidos. Trata-se de um levantamento operacionalizado por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas entre os anos de 2014 e 2015, com uma amostra de 9 respondentes de diferentes regiões do país e vinculados a diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) que passaram por uma socialização acadêmica em nível de doutorado ou pós-doutorado na área contábil. Os dados foram analisados com emprego da técnica de análise de conteúdo. Com relação ao habitus dos agentes pertencentes ao campo científico contábil, constatou-se uma tendência ao produtivismo. Apoiando-se em Bourdieu (2004, 2008, 2009, 2011, 2013) foram encontradas evidências que podem sinalizar que as teorias, conceitos, metodologias, técnicas e demais escolhas realizadas pelos pesquisadores da área contábil, na maioria das vezes, não passam de manobras estratégicas que visam conquistar, reforçar, assegurar ou derrubar o

¹ Artigo recebido em 11/04/2016. Revisado por pares em 21/01/2017. Reformulado em 06/07/2017. Recomendado para publicação em 06/03/2018 por Tarcísio Pedro da Silva. Publicado em 27/03/2018. Organização responsável pelo periódico: FURB.

monopólio da autoridade científica, visando a obtenção de maior poder simbólico no campo, ou seja, a produção de conhecimento em contabilidade, similar a outras áreas do conhecimento humano, não é desinteressada, neutra e preocupada com o progresso da área, mas é um caso de produção e distribuição capitalista de mercadorias, que foca, principalmente, a obtenção de prestígio e reconhecimento social por parte dos agentes. Contudo, tais evidências devem ser analisadas com cautela por se tratar de um estudo que não contemplou a totalidade de pesquisadores da área, tendo sido seus dados coletados por acessibilidade.

Palavras Chave: Contabilidade - Ensino e Pesquisa; Estruturas Sociais; Produção Científica; Teoria de Campos; Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

This research aimed to analyze how the social structures of the Brazilian accounting scientific field presented. For this, used the Pierre Bourdieu's Field Theory to support the results obtained. This is a survey operationalized through semi-structured interviews conducted between the years 2014 and 2015, with a sample of nine respondents from different regions of the country and linked to different Higher Education Institutions that undergone an academic socialization in level of doctoral or postdoctoral studies in accounting. The data analyzed with use of the content analysis technique. With regard to the habitus of agents belonging to the accounting scientific field, there was a tendency to productivism. Based on Bourdieu (2004, 2008, 2009, 2011, 2013) evidence was found that can signal that the theories, concepts, methodologies, techniques and other choices made by the researchers in accounting area, most of the time, they are no more than strategic maneuvers aiming to conquer, strengthen, secure or drop the monopoly of scientific authority, in order to obtain greater symbolic power in the field, that is, the production of knowledge in accounting, similar to other areas of human knowledge, is not disinterested, neutral and worried the progress of the area, but it is a case of capitalist production and distribution of goods, which mainly focuses on the attainment of prestige and social recognition by agents. However, such evidence should be analyzed with caution because it is a study that did not include all the researchers in the area, and their data were collected for accessibility.

Keywords: Accounting – Education and Research; Social Structures; Scientific Production; Field Theory; Pierre Bourdieu.

RESUMÉN

Esta investigación objetivó analizar cómo se presentan las estructuras sociales del campo científico contable brasileño. Para ello, utilizó la Teoría de Campo del Pierre Bourdieu para apoyar los resultados obtenidos. Se trata de un levantamiento realizado por medio de entrevistas semiestructuradas realizadas entre los años 2014 y 2015, con una muestra de nueve respondedores de diferentes regiones del país y vinculados a deferentes Instituciones de Enseñanza Superior (IES) que pasaron por una socialización académica en nivel de doctorado o postdoctorado en contabilidad. Los datos fueran analizados con empleo de la técnica de análisis de contenido. Con respecto al habitus de los agentes pertenecientes al campo científico contable, se constató una tendencia al productivismo. Con el apoyo de Bourdieu (2004, 2008, 2009, 2011, 2013) se encontró evidencias que pueden señalar que las teorías, conceptos, metodologías, técnicas y demás elecciones realizadas por los investigadores del área contable, la mayoría de las veces, no pasan de maniobras estratégicas destinadas a conquistar, reforzar, asegurar o derribar el monopolio de la autoridad científica, con el fin de obtener un mayor poder simbólico en el campo, es decir, la producción del conocimiento en contabilidad, similar a otras

áreas del conocimiento humano, no es desinteresada, neutra y preocupada con el progreso del área, pero es un caso de producción y distribución capitalista de mercancías, que se centra principalmente la obtención de prestigio y reconocimiento social por parte de los agentes. Sin embargo, tales evidencias deben ser analizadas con cautela por tratarse de un estudio que no contempló la totalidad de investigadores del área, habiendo sido sus datos recolectados por accesibilidad.

Palabras Clave: Contabilidad - educación e investigación; Estructuras Sociales; Producción científica; Teoría del Campo; Pierre Bourdieu.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que toda e qualquer ciência se desenvolve de forma sistemática e organizada por meio da produção e do fluxo de informações, até que se torne conhecimento e seja disseminado pelos pesquisadores da área mediante as publicações científicas (VANZ; CAREGNATO, 2003). Assim, as comunicações científicas podem ser consideradas como o produto final do trabalho dos agentes de um determinado campo científico e, de um lado comunicam informações acerca dos estudos realizados, de outro, garantem reconhecimento acadêmico e social ao cientista, pelos seus pares (MOREL; MOREI, 1977). Na contemporaneidade, as pesquisas têm assumido um papel de relativo prestígio acadêmico por trazerem dois benefícios: [1] desenvolvimento científico que se transforma em benefício social e; [2] o uso de investigações no processo de ensino (MIRANDA *et al.*, 2013). Diante desse introito, deve-se ter em mente que o processo de produção intelectual deve ser resultante de estudos e reflexões úteis para o desenvolvimento social e científico do campo de conhecimento ao qual está circunscrito e que sua qualidade deve ser colocada em primeiro plano, acima de qualquer indicador de produtividade acadêmica.

Todavia, em reportagem escrita no jornal O Estado de São Paulo, em 27/04/2013, Reinach (2013, p. 1) pondera que diante das formas de avaliação de qualidade hoje vigentes, um pesquisador como Einstein teria sido excluído do campo científico e afirma que na atualidade o teor das conversas entre pós-graduandos e cientistas é a preocupação de saber quantos trabalhos publicou no último ano e onde foram essas comunicações, sendo comuns as frases: "[...] 'Fulano agora é pesquisador 1B no CNPq. Com 8 trabalhos em revistas de alto impacto no ano passado, não poderia ser diferente'. 'O departamento de beltrano foi rebaixado para 4 pela CAPES. [...], com poucas teses no ano passado e só duas publicações em revistas [...]'", valorizando assim, muito mais a forma do que a essência científica.

Castiel e Sanz-Valero (2007) aduzem que essa busca por publicação desencadeou um processo irreversível de intensa contabilização numérica de artigos científicos, porém, nem sempre com a qualidade necessária para dar manutenção e evolução ao campo de pesquisas a que está associado, ou seja, a qualificação das publicações científicas tornou-se, em muitos casos, um aspecto quantitativo e unidimensional. Assim, Castiel e Sanz-Valero (2007) e Wreszinsky (2012) asseveram que esse processo de produção científica pode trazer alguns problemas para os campos de conhecimento, tais como: [1] o "citacionismo" ou estratégia de citações elogiosas, que vem a ser uma corrupção na ideia de fator de impacto; [2] ausência de desvios de teorias estabelecidas, ou seja, as pesquisas quase sempre tratam do mesmo assunto sem muitas modificações que possam levar à evolução do campo; [3] publicações muito pulverizadas, nas quais uma pesquisa é separada em vários estudos menores para que possa ser divulgada em inúmeros meios de comunicação científica (*salami science*); [4] aumento do número de autores por artigo (escambo autoral), para todos saírem pontuados; e [5] problemas éticos como plágio, autoplágio e gerenciamento de protocolos de pesquisa.

Nesses termos, em um artigo escrito para o jornal *The Guardian*, o biólogo e ganhador do prêmio Nobel de Medicina em 2013, Randy Schekman advoga que o trabalho do cientista deveria ser o de obter grandes avanços em termos sociais, contudo, essa função nobre é desconfigurada por meio de incentivos inadequados, tais como reputação pessoal e progressão na carreira, advindas de investigações que impressionam superficialmente, mas não são as melhores em termos sociais. Adicionalmente, Schekman (2013, p. 1) critica as revistas *Nature*, *Cell* e *Science*, que defendem agressivamente suas marcas com o intuito de vender maior número de assinaturas e não de estimular pesquisas relevantes. Assim, "[...] como os estilistas que criam bolsas ou roupas de edição limitada, eles sabem que a escassez alimenta a demanda, de modo que propositalmente restringem o número de artigos aceitos para publicação".

A problemática levantada pode ser melhor compreendida com a utilização da teoria de campos formulada por Pierre Bourdieu. De acordo com essa teoria, cada campo de conhecimento possui um conjunto de estruturas objetivas que define as regras do jogo, e de estruturas incorporadas, denominadas *habitus*, que é um "[...] sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma dada circunstância" (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 169). Portanto, se de um lado o campo estrutura o *habitus*, por outro, o *habitus* contribui para a construção de um campo dotado de sentido e valor, estabelecendo-se assim, as relações de poder (BOURDIEU, 2009).

Nesse contexto, pode-se depreender que também a ciência contábil possui regras que direcionam a dinâmica do campo e influenciam a qualidade das publicações e a evolução teórica e científica da área, e, essas regras são compartilhadas pelos participantes do campo de forma intersubjetiva e liderada pelos agentes e instituições detentores de maior capital científico simbólico. Assim sendo, a maior contribuição desse estudo é trazer à superfície elementos pouco debatidos na área acadêmica com relação ao processo de disseminação de publicações acadêmicas priorizando a contagem numérica desses estudos em periódicos e congressos de boa reputação da área, em detrimento da qualidade dessas publicações, no sentido de sua contribuição para a evolução e consolidação do campo de pesquisa científico contábil.

Em consequência das exposições reunidas até o momento, a presente pesquisa destina-se a responder a seguinte questão: como se apresentam as estruturas sociais do campo científico contábil brasileiro? Assim sendo, o objetivo subjacente deste estudo é analisar como se apresentam as estruturas sociais do campo científico contábil brasileiro, que afeta diretamente as publicações científicas. Para tanto, o artigo está dividido em mais quatro seções, destinados a: [1] referencial teórico para embasar os achados da pesquisa; [2] procedimentos metodológicos utilizados; [3] apresentação e análise dos resultados e; [4] considerações finais e implicações do estudo.

2 BOURDIEU E O CAMPO CIENTÍFICO: O ADMIRÁVEL MUNDO SIMBÓLICO

Bourdieu (2004) aduz que todas as produções culturais, filosóficas, literárias, etc., são objetos de análise e, existem nesses campos de conhecimento duas correntes de estudo antagonistas. Há, de um lado, os pesquisadores que defendem que para se compreender esses campos, basta realizar a leitura dos textos provenientes deles, ou seja, "[...] o texto é o alfa e ômega e nada mais há para ser conhecido, quer se trate de um texto filosófico, de um código jurídico ou de um poema, a não ser a letra do texto [...]" (BOURDIEU, 2004, p. 19), esses são os autores adeptos da semiologia e do pós-modernismo. Em oposição, há os investigadores que advogam ser necessário interpretar não somente o texto, mas também o contexto social em que foi redigido. Diante disso, o autor pondera que com o campo científico ocorre essa mesma oposição de ideias e por esse motivo, Bourdieu (2004, p. 20) tenta escapar dessa dialética criando a noção de campo, no qual assevera que:

Digo que para compreender uma produção cultural (literatura, ciência, etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois pólos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo de *campo literário, artístico, jurídico ou científico*, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como ou outros, mas que obedece as leis sociais mais ou menos específicas (p. 20)

Portanto, para Bourdieu (2008, p. 52) o campo científico "[...] tal como outros campos, é um campo de forças dotado de uma estrutura e também um espaço de conflitos pela manutenção ou transformação desse campo de forças". Separando essa definição em duas partes, pode-se depreender que existem dois constructos que o autor utiliza para caracterizar um campo: o "campo de forças" e o "espaço de conflitos". Por campo de forças, Bourdieu (2008) considera as relações existentes entre os agentes no interior de um campo, criando o espaço que os condiciona, porquanto é no relacionamento entre os cientistas isolados, equipes de investigadores ou laboratórios que pertencem ao campo científico, que se instauram as relações de força. Contudo, o que determina a estrutura desse campo é o volume de capital científico que cada agente possui. Nesses termos, "[...] a força de um agente depende dos seus diferentes trunfos, fatores diferenciais de sucesso que podem garantir-lhe uma vantagem em relação aos rivais [...]" (BOURDIEU, 2008, p. 53).

Desse modo, o campo é um espaço de relações objetivas entre os agentes e instituições que competem pela dominação de um cabedal específico, no caso desse estudo pelo poder simbólico no campo científico contábil (THIRY-CHERQUES, 2008). Esse capital científico é caracterizado por Bourdieu (2008) como capital simbólico pautado no conhecimento e reconhecimento dos agentes imbricados no campo científico. Segundo Thiry-Cherques (2008, p. 176), "Bourdieu deriva o conceito de capital da noção econômica, em que o capital se acumula por operações de investimento, se transmite por herança e se reproduz de acordo com a habilidade do seu detentor em investir". Assim, os agentes dominantes no campo são aqueles que possuem a maior quantidade de capital científico e ocupa uma posição em que a estrutura age em seu favor e os demais reconhecem sua autoridade e o seguem.

Partindo para a segunda parte do conceito de campo, como espaço de conflitos, pode-se depreender que para Bourdieu (2004, p. 23) existe um campo de lutas para conservar ou transformar as propriedades do campo científico, contudo, essas lutas se travam em um plano simbólico. Nesse sentido, é a estrutura das relações objetivas entre os agentes que "[...] determina o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta [...] suas tomadas de decisão". Em adição, os objetos de disputa nos campos impõem um conflito entre os agentes, "[...] cuja mediação é feita por um poder que resulta justamente da posse desses capitais reconhecidos por todos os concorrentes, de modo que a acumulação desse capital pode levar um determinado agente a conquistar a hegemonia do campo" (ROSA; PAÇO-CUNHA; MORAIS, 2009, p. 89).

Ainda nessa linha investigativa, Souza (2007, p. 23) assevera que o campo é "[...] um espaço de jogo, onde os agentes e instituições, tendo em comum o fato de possuírem uma quantidade de capital específico [...] condizente com suas posições dominantes ou subalternas, afrontam-se [...]". Essa luta travada no interior do campo, tem por finalidade precípua, a conservação ou transformação das relações de forças existentes no campo. Complementarmente, Bourdieu (2004) defende que esse poder simbólico tem um caráter de invisibilidade, porquanto permite aos agentes conquistarem recompensas equivalentes ao que muitas vezes só é conseguido por meio de instrumentos coercitivos, ou seja, todo poder

simbólico validado dissimula a força opressora e, só se legitima por meio do reconhecimento dos agentes imbricados no campo.

Todavia, para se compreender a lógica do campo científico, é essencial unir ao conceito de capital científico, também a ideia de *habitus*. Assim, para a teoria *bourdieusiana*, o *habitus* está atrelado a um campo específico. Todo o campo é caracterizado por agentes dotados por um mesmo *habitus*, ou seja, "[...] o campo estruturando o *habitus* e o *habitus* constituindo o campo. O *habitus* é a internalização ou incorporação da estrutura social, enquanto o campo é a exteriorização ou objetivação do *habitus*". Complementarmente, a posição de cada agente no campo é causa e resultado do *habitus* que são as regras do jogo, ou seja, "[...] a posição é a face objetiva do campo, que se articula com a face subjetiva, a disposição" (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 172-173).

Seguindo essas premissas, Bourdieu (2008) advoga que o campo científico é o lugar onde os agentes agem de forma objetiva e calculada, obedecendo a programas e métodos elaborados de maneira consciente. Em adição, o sociólogo francês desvela que os agentes do campo científico não seguem métodos e regras somente por um ato psicológico pensado, mas fundamentalmente são influenciados pelo sentido do jogo científico adquirido por meio das experiências ao participar desse jogo, com as suas regularidades e regras. Nesse sentido, o autor afirma que essas regularidades e regras "[...] são permanentemente lembradas, quer através de formulações expressas (as regras que regem a apresentação de textos científicos, por exemplo), quer através dos índices inscritos no próprio funcionamento do campo [...]", influenciando assim, o *habitus* dos agentes (BOURDIEU, 2008, p. 62).

Nesses termos, os cientistas são considerados, pelo sociólogo francês, a materialização do campo científico e, portanto, as estruturas cognitivas dos agentes são semelhantes às estruturas do campo e podem ser ajustadas conforme as ocorrências que se manifestam no interior do campo. Logo, para Bourdieu (2008, p. 62) as premissas que condicionam o comportamento dos cientistas, conformado pelo *habitus*, só existem "[...] porque são entendidas por cientistas familiarizados com elas, o que os torna capazes de as perceber e apreciar, e ao mesmo tempo dispostos e aptos a cumpri-las".

Em resumo, os agentes do campo científico são condicionados por regras porque as aceitam mediante um ato de "[...] conhecimento e reconhecimento prático [...]" (BOURDIEU, 1996, p. 87), transmitido por meio de uma socialização acadêmica, geralmente ofertado pelos Programas de Pós-graduação *stricto sensu*. Assim, Bourdieu (1996, p. 88) complementa que a atividade científica "[...] engendra-se na relação entre as disposições reguladas de um *habitus* científico que é, em parte, produto da incorporação da necessidade imanente do campo científico e das limitações estruturais exercidas por esse campo em um momento dado de tempo".

Portanto, pode-se perceber que o *habitus* é a incorporação de uma socialização específica, que possibilita aos agentes, conhecimento sobre as regras e normas que constituem as especificidades estruturais de um campo e, conseqüentemente é traduzido por meio de um reconhecimento por parte desses agentes. À guisa de conceituação, Bourdieu (2008, p. 63) reflete que "[...] o verdadeiro princípio das práticas científicas é um sistema de disposições base, em grande parte inconscientes, transponíveis, que tendem a generalizar-se [...]". Desse modo, Thiry-Cherques (2008, p. 170) assevera que o *habitus* gera uma lógica, "[...] uma racionalidade prática, irreduzível à razão teórica. É adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador dessa interação. É condicionante e condicionador das ações".

Por conseguinte, pode-se depreender que a teoria sociológica de Pierre Bourdieu, composta pelo entrelaçamento desses três conceitos seminais: campo, *habitus* e capital, é útil na compreensão de que o campo científico é um lugar de luta concorrencial em busca do monopólio da autoridade científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir de maneira legítima e com autoridade, que é socialmente outorgada a um agente determinado.

Nesse sentido, Guarido Filho (2008, p. 43-44) assevera que os textos científicos influenciam estrutura do conhecimento, "[...] não apenas como repositório de informações, mas também por propiciar elementos que afetam a dinâmica do conhecer [...]".

2.1 Pesquisas Semelhantes sobre Estruturas Sociais do Campo Científico

De maneira geral, todas as áreas preocupam-se com as questões que envolvem as estruturas sociais da produção científica nos campos de conhecimento. Domingues (2014) em seu estudo, defendeu a ideia de *taylorismo* acadêmico, comparando o ambiente acadêmico atual com as fábricas e grandes corporações, pois, na busca de novos conhecimentos criam-se métricas para medição de qualidade e formação de rankings que se convertem em artefatos de controle e auditoria nas mãos de burocratas da ciência. Nessa linha de raciocínio, o autor pondera que tal processo traz algumas mazelas para o campo científico, tais como: [1] instalação de uma competição cega, sem uma base cooperativa entre os pesquisadores e instituições; [2] disseminação de fraudes e plágios, nas suas mais variadas formas e; [3] incitação de tempo acelerado para as publicações, o que pode deixar uma obra de talento no vácuo durante muito tempo, por não ser capturada pelos índices de impacto.

Na contabilidade, de maneira pioneira, Theóphilo (2004) executou uma investigação sobre as características epistemológicas das publicações científicas em contabilidade. Nesse estudo, o autor averiguou que até o final dos anos 1990 as pesquisas científicas contábeis brasileiras eram predominantemente teóricas, normativas e voltadas a propor modelos e novas visões e ideias. Em contraposição, a partir dos anos 2000, com o incremento no número de programas de pós-graduação *strictu sensu* da área de contabilidade, as investigações passaram a ter uma abordagem empírica, operacionalizadas sob enfoques metodológicos empiristas e positivistas.

Andrade (2011) examinou o posicionamento dos pesquisadores em Contabilidade em relação à má conduta na pesquisa científica, identificando a frequência de sua ocorrência e a intensidade dos fatores que influenciam a má conduta e constatou a existência de cinco categorias de condutas equivocadas: [1] condutas relativas à coautoria (escambo autoral); [2] condutas relativas à submissão (um mesmo artigo submetido a mais de um veículo acadêmico); [3] condutas relativas aos dados (gerenciamento de protocolos e resultados para obtenção das conclusões esperadas); [4] condutas relativas às referências e citações (citações de obras não acessadas); e [5] condutas relativas aos pares e comitês de ética (não compartilhamento de dados para pesquisas futuras).

Espejo, Azevedo, Trombelli e Voese (2013) pesquisaram o cenário acadêmico contábil brasileiro no tocante às práticas de publicação e avaliação pelos pares. Para tanto, as autoras pesquisaram os anos de 2009 e 2010, criando três constructos para análise: a conversão das publicações, a saturação dos avaliadores e a má conduta ética no processo de pesquisa. Dessa maneira, as pesquisadoras observaram que 56% dos manuscritos apresentados em eventos foram convertidos em artigos para periódicos, que os critérios de avaliação de publicações em eventos e periódicos são condizentes entre si e que aspectos relacionados às más condutas no processo de pesquisa foram constatados, tais como as práticas de plágio e autoplágio (autocitação) e alteração dos autores entre congressos e periódicos.

De maneira análoga, Martins e Lucena (2014) investigaram o perfil e as práticas dos docentes dos programas de pós-graduação em contabilidade no Brasil, no que se refere à produção científica, por meio da aplicação de um questionário a 113 docentes de 19 PPGs da área contábil brasileira. Os autores constataram que pesquisadores da área tendem a fragmentar suas pesquisas em diversas partes para obtenção de maior número possível de publicações em diferentes periódicos, e complementaram que, quando tais estudos são rejeitados por revistas de maior impacto na área, os autores tendem a submeter os mesmos manuscritos para outros menos expressivos, até que sejam essas investigações publicadas, constituindo-se assim, o que

popularmente é chamado de *salami science*. Adicionalmente, os autores observaram que, em média, os pesquisadores não adotam políticas de escambo autoral, se abstendo de colocar nomes de pessoas que não contribuíram para a escrita do artigo como participantes da pesquisa.

Em sua tese, Aragão (2016) objetivou conhecer as especificidades dos discursos presentes nas comunicações científicas da área contábil, a fim de verificar como elas contribuem para criar uma cultura escrita para o campo. Nesses termos, a autora constatou que há nos discursos em contabilidade uma superficialidade crítica e reflexiva, o uso inapropriado de argumentação e prevalência de ideologia normativa e técnica com pouca interdisciplinaridade e potencial de surpreender. De acordo com a autora, os resultados sinalizam que os discursos do campo geram uma hegemonia fundada no silêncio dos pesquisadores, e conseguinte reprodução e concordância com o óbvio, ausência de teorias e fuga da criticidade e da realidade social.

Portanto, pode-se verificar que estudos envolvendo o campo científico contábil e sua estruturação tem crescido nos últimos anos, devido ao aumento de programas de pós-graduação em contabilidade e conseqüentemente da produção científica.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos são fundamentais para as pesquisas de caráter científico, visto que, segundo Demo (1995) a atividade da pesquisa é a razão fundante da vida acadêmica e necessita de métodos para ser operacionalizada. Nesses termos, essa seção tem por finalidade descrever o constructo principal da investigação, a amostra utilizada na pesquisa, a técnica de coleta de dados e evidências e o tratamento dado às informações coletadas no estudo.

3.1 Constructos e Definições Operacionais da Pesquisa

O constructo principal da investigação é o *habitus* dos agentes que para esta investigação reflete a interiorização das estruturas sociais do campo científico contábil, como sendo um produto aprendido mediante um processo de socialização acadêmica e que se expressa por meio de uma atitude "natural", quase que como uma rotina, por vezes até de forma inconsciente porque já está legitimado e institucionalizado, sinalizando um elemento intermediário entre a estrutura e a ação (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU, 2008; THIRY-CHERQUES, 2008; BOURDIEU, 2013). Para atingir esse fim, a operacionalização do constructo *habitus* dos agentes acontece por meio de entrevista, com o intuito de levantar a maneira como os pesquisadores internalizam as regras do jogo científico e as características das estruturas sociais presentes no campo.

Para análise do conteúdo das entrevistas, foram estabelecidas categorias que formam o mundo social pesquisado referente ao *habitus* dos agentes imbricados no campo científico da contabilidade. São elas: [1] existência e causas das más condutas em pesquisas; [2] influências causadas pela necessidade da publicação científica em atendimento às regras do jogo acadêmico; [3] coerência e inconsistências das medições de qualidade da CAPES para publicações científicas; e [4] percepção do tratamento de comunicações científicas como mercadorias acadêmicas. Tais categorias são aderentes às questões do roteiro de entrevistas e foram criadas com base nos estudos de Théophilo (2004), Bourdieu (2004); Castiel e Sanz-Valero (2007), Bourdieu (2008); Andrade (2011), Wreszinsky (2012), Righetti (2013); Bourdieu (2013) e Domingues (2014).

Além disso, para a presente pesquisa foram utilizadas as denominações “qualidade da pesquisa” e “*produtivismo*” que estão relacionadas entre si e podem ser corroboradas com o posicionamento de Wood Jr. (2016) que defende que o *produtivismo* é uma perversão da produtividade, visto que refere-se à produção de algo sem a preocupação com a qualidade e utilidade do que se está produzindo, acumulando-se assim um estoque de mercadorias ou

produtos condenados à obsolescência e por consequência, virar sucata. Ou seja, essa investigação trata o *produtivismo* como um processo que se preocupa com a contabilização cada vez maior de publicações em detrimento dos aspectos qualitativos dessas comunicações, fazendo com que se tenha um grande número de artigos publicados que não se traduzem em contribuições para a evolução científica da área.

3.2 População e Amostra

A população da pesquisa é constituída pelos pesquisadores da área contábil que passaram por uma socialização acadêmica em nível de Mestrado e Doutorado ou Pós-doutorado na área contábil, para compreensão do constructo relativo ao *habitus* dos agentes imbricados no campo científico contábil. Contudo, torna-se inviável o estudo da população toda. Por esse motivo e pelo fato da pesquisa privilegiar os dados em profundidade e não em amplitude, optou-se em entrevistar nove pesquisadores da área em profundidade, sendo oito doutores em um pós-doutor em Contabilidade, de diferentes regiões do país e vinculados a diferentes Instituições de Ensino Superior (IES). A amostragem foi intencional, visto que o critério de escolha dos agentes foi a disponibilidade destes para responder à entrevista. O Quadro 1 sintetiza o perfil dos respondentes, mantendo o anonimato de cada um deles.

Quadro 1 – Formação e vínculo institucional dos respondentes da pesquisa

Respondente	Descrição detalhada das atividades desenvolvidas academicamente
Entrevistado 1	<p>Formação: Doutor em Controladoria e Contabilidade. Ano de obtenção do título: 2007. Região em que atua: Sudeste. Atividades desenvolvidas: [1] participa ou participou como membro da <i>American Accounting Association</i>; [2] participa ou participou como membro diretor da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (ANPCONT); [3] participa ou participou como membro do Comitê Científico da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD); [4] membro de comitês editoriais e revisor de periódicos nacionais e internacionais; [5] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade e finanças (mais de 50 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais). Objetos de Pesquisa: Contabilidade e Finanças; Mercado de Capitais; Governança Corporativa; Mercado Financeiro e <i>Disclosure</i>. Capacidade formativa: [1] professor de curso de graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 6 dissertações de mestrado e 8 teses de doutorado, além de ter desenvolvido projetos de iniciação científica.</p>
Entrevistado 2	<p>Formação: Doutor em Controladoria e Contabilidade. Ano de obtenção do título: 2009. Região em que atua: Sudeste. Atividades desenvolvidas: [1] membro de comitês editoriais e revisor de periódicos nacionais; [2] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade e finanças (mais de 60 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais). Objetos de Pesquisa: Contabilidade e Finanças; Mercado de Capitais; Direito Privado. Capacidade formativa: [1] professor de curso de graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 2 dissertações de mestrado e 4 teses de doutorado.</p>
Entrevistado 3	<p>Formação: Pós-Doutor em Controladoria e Contabilidade. Ano de obtenção do título: 2013. Região em que atua: Sul. Atividades desenvolvidas: [1] atua ou atuou como avaliador institucional do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); [2] participa ou participou como membro da Comissão Coordenadora do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) na área de Ciências Contábeis [3] membro de comitês editoriais e revisor de periódicos nacionais; [4] participa ou participou como membro do Comitê Científico da ANPAD e do Congresso USP de Controladoria e Contabilidade; [5] extensa</p>

Respondente	Descrição detalhada das atividades desenvolvidas academicamente
	<p>produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 150 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais); [6] atua ou atuou como consultor <i>ad-hoc</i> em processos de análise e julgamento de mérito e validade técnico-científicas de projetos de pesquisa para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Contabilidade e Finanças; Ensino de Contabilidade e Finanças.</p> <p>Capacidade formativa: [1] professor de curso de graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2; [3] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 16 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado.</p>
Entrevistado 4	<p>Formação: Doutor em Controladoria e Contabilidade.</p> <p>Ano de obtenção do título: 1996.</p> <p>Região em que atua: Sudeste.</p> <p>Atividades desenvolvidas: [1] participa ou participou como membro diretor da ANPCONT; [2] membro de comitês editoriais e revisor de periódicos nacionais e internacionais; [3] atua ou atuou como Membro de comissões de avaliação da CAPES da área Administração, Contabilidade e Turismo; [4] Membro do Comitê Assessor do CNPq da área de Administração e Contabilidade; [5] atua ou atuou como Editor-chefe da Revista Contabilidade & Finanças da Universidade de São Paulo; [6] Um dos coeditores convidados pela Esmerald para desenvolvimento de edições especiais em periódicos internacionais; [7] participa ou participou como membro do <i>European Accounting Association</i> (EAA); [8] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 150 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Controle Gerencial, Contabilidade Gerencial e Controladoria.</p> <p>Capacidade formativa: [1] professor de curso de graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1A; [3] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 22 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado.</p>
Entrevistado 5	<p>Formação: Doutor em Controladoria e Contabilidade.</p> <p>Ano de obtenção do título: 2002.</p> <p>Região em que atua: Sul.</p> <p>Atividades desenvolvidas: [1] membro de comitês editoriais e revisor de periódicos nacionais; [2] atua ou atuou como Editor-chefe da de revistas científicas no Brasil; [3] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 150 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Controle Gerencial, Contabilidade Gerencial e Controladoria.</p> <p>Capacidade formativa: [1] professor de curso de graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 20 dissertações de mestrado e 4 teses de doutorado.</p>
Entrevistada 6	<p>Formação: Doutora em Controladoria e Contabilidade.</p> <p>Ano de obtenção do título: 2007.</p> <p>Região em que atua: Sudeste.</p> <p>Atividades desenvolvidas: [1] membro de comitês editoriais e revisora de periódicos nacionais; [2] atua ou atuou como Editora-chefe da de revistas científicas no Brasil; [3] membro do Comitê Assessor do CNPq da área de Administração e Contabilidade; [4] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 120 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Ensino e Pesquisa em Contabilidade; Sustentabilidade e Contabilidade Ambiental.</p> <p>Capacidade formativa: [1] professora de curso de graduação e mestrado em Contabilidade; [2] Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2; [3] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação e 12 dissertações de mestrado.</p>
Entrevistado 7	<p>Formação: Doutor em Controladoria e Contabilidade.</p> <p>Ano de obtenção do título: 2009.</p> <p>Região em que atua: Sudeste.</p> <p>Atividades desenvolvidas: [1] membro de comitês editoriais e revisora de periódicos nacionais e internacionais; [2] atua ou atuou como professor visitante em universidades internacionais; [3] atua ou atuou como um dos representantes no projeto de internacionalização do PPG em Controladoria e Contabilidade da FEA/USP (<i>STAR</i></p>

Respondente	Descrição detalhada das atividades desenvolvidas academicamente
	<p><i>Comission</i>); [4] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 110 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Controle Gerencial, Contabilidade Gerencial e Controladoria.</p> <p>Capacidade formativa: [1] professor de curso de graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade; [3] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 2 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado.</p>
Entrevistada 8	<p>Formação: Doutora em Controladoria e Contabilidade.</p> <p>Ano de obtenção do título: 2008.</p> <p>Região em que atua: Centro-Oeste.</p> <p>Atividades desenvolvidas: [1] membro de comitês editoriais e revisora de periódicos nacionais; [2] atua ou atuou como avaliadora institucional do INEP; [3] atua ou atuou como consultora <i>ad-hoc</i> para na avaliação de projetos de pesquisa para a Fundação Araucária de Apoio e Desenvolvimento Científico e Tecnológico; [4] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 180 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Ensino e Pesquisa em Contabilidade, Controle Gerencial, Controladoria e Contabilidade Gerencial.</p> <p>Capacidade formativa: [1] atuou ou atua como professora de curso de graduação e mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2; [3] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação e 22 dissertações de mestrado.</p>
Entrevistada 9	<p>Formação: Doutora em Controladoria e Contabilidade.</p> <p>Ano de obtenção do título: 1997.</p> <p>Região em que atua: Nordeste.</p> <p>Atividades desenvolvidas: [1] membro de comitês editoriais e revisora de periódicos nacionais e internacionais; [2] atua ou atuou como coordenadora de comissões de avaliação da CAPES da área Administração, Contabilidade e Turismo; [3] atua ou atuou como avaliadora institucional do INEP; [4] participa ou participou como membro da Comissão Coordenadora do ENADE na área de Ciências Contábeis; [5] extensa produção bibliográfica na área de contabilidade (mais de 200 artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais).</p> <p>Objetos de Pesquisa: Ensino e Pesquisa em Contabilidade, Demonstração do Valor Adicionado e Contabilidade Sócio Ambiental.</p> <p>Capacidade formativa: [1] atuou ou atua como professora de curso de graduação e mestrado e doutorado em Contabilidade; [2] Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2; [3] orienta e orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso em graduação, 36 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado.</p>

Fonte: Elaborado pelos Autores

Pode-se observar que apesar da área ter contado com 53 teses defendidas entre os anos de 2014 e 2015, de acordo com consulta no banco de teses da CAPES, foram selecionados nove respondentes para a amostra. Esse fato se justifica porque não se buscou na investigação qualquer generalização de resultados e também foi intencional que os entrevistados escolhidos fossem pesquisadores inseridos em diferentes campos da área contábil e possuidores de capital acadêmico como mostra o Quadro 2. Também se optou pela diversidade geográfica para se poder ter visões de diferentes localidades, não se configurando regionalismos. Ou seja, a seleção da amostra foi intencional.

Nesse contexto, o número aparentemente reduzido de entrevistas não desmerece ou invalida o estudo porquanto, de acordo com Gaskell (2015, p. 70-71), “[...] permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada [...]”. Tal afirmação possui duas razões: [1] embora as respostas sejam individuais, elas são reflexos de processos sociais, ou seja, em parte, as percepções são compartilhadas pelos respondentes e depois de um certo número de entrevistas, o pesquisador sente segurança de que novas surpresas não aparecerão; e [2] há uma questão do tamanho do corpus a ser analisado, visto que a transcrição dessas nove entrevistas geraram um volume total de 107 páginas.

3.3 Coleta de Dados, Informações e Evidências

Para a coleta dos dados referentes ao *habitus* dos agentes pertencentes ao campo científico contábil foi utilizada a entrevista. De acordo com Martins e Theóphilo (2009, p. 88), o objetivo da entrevista é "[...] entender e compreender o significado que entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador". A entrevista foi em profundidade e semiestruturada. Com a aquiescência prévia dos respondentes, o processo todo foi gravado e posteriormente transcrito para se efetuarem as análises necessárias.

Quadro 2 – Roteiro de entrevista semiestruturada

Questões	Autores
Questão 1: Autores como Castiel e Sanz-Valero (2007), Wreszinsky (2012), Righetti (2013) e o biólogo e ganhador do prêmio Nobel de Medicina em 2013, Randy Schekman advogam que existem algumas condutas de pesquisa no cenário atual como: citacionismo, ausência de desvios das teorias já estabelecidas, publicações muito pulverizadas [<i>Salami Science</i>], escambo autoral e problemas éticos [plágio, autoplágio e gerenciamento de protocolos]. Em sua percepção, o que pode levar os pesquisadores a agir dessa maneira?	Bourdieu (2004); Theóphilo (2004), Castiel e Sanz-Valero (2007); Bourdieu (2008); Andrade (2011), Wreszinsky (2012), Righetti (2013), Bourdieu (2013); Domingues (2014)
Questão 2: A "necessidade de publicação" influencia o desenvolvimento da produção científica contábil no Brasil? De que forma isso ocorre?	
Questão 3: Em sua opinião, as medições de qualidade do programa Qualis da CAPES para os periódicos e publicações científicas são coerentes? Se não, quais as inconsistências que apresentam?	
Questão 4: Autores como Castiel e Sanz-Valero (2007), Wreszinsky (2012) e Righetti (2013) dizem que as publicações científicas no cenário atual são tratadas como mercadorias. Qual sua opinião sobre isso?	

Fonte: Elaborado pelos autores

A opção pela profundidade nas entrevistas se deve ao fato de que procurou-se obter uma descrição detalhada do *habitus* dos agentes no campo científico contábil. Nesse sentido, Gaskell (2015, p. 68) pondera que “[...] a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”.

As entrevistas foram marcadas com antecedência e realizadas no período de novembro de 2014 a maio de 2015. Somente os 9 entrevistados da amostra se mostraram interessados em participar da pesquisa em um total de 36 indivíduos que foram convidados a responder aos questionamentos da entrevista. O período de entrevistas foi longo devido à demora ou falta de respostas aos *e-mails* enviados para os convidados a participar da ou pelo prazo, às vezes um pouco dilatado de marcação das entrevistas, por parte dos entrevistados que muitas vezes não dispunham de agenda livre.

Outro fator relevante a ser destacado é que toda a documentação seguiu critérios rigorosos de ética na pesquisa. Antes da entrevista, os respondentes assinaram um termo de consentimento para gravação de áudio das entrevistas. Esses cuidados foram relevantes para que a investigação pudesse apresentar transparência nos resultados e para garantir o anonimato dos agentes que, na presente pesquisa foram designados por ordem numérica, ou seja, Entrevistado 1, Entrevistado 2, e assim sucessivamente.

Por fim, antes da aplicação da entrevista aos respondentes, também foi realizado um pré-teste com quatro entrevistados doutorandos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, que apontaram possíveis inconsistências e dificuldades na forma de responder a entrevista. Dois desses quatro agentes avaliaram a validade de face ou validade aparente, que sinaliza se o instrumento mede aquilo que se propõe a medir, mas como esse processo é subjetivo, simples e algumas vezes pouco satisfatório

(MARTINS; THEÓPHILO, 2009), para garantir que o roteiro de entrevista fosse validado, os outros dois agentes foram convidados a validar o conteúdo que cada questão procurou medir e responderam ao formulário de validação de conteúdo.

3.4 Tratamento e Análise dos Dados

Para responder à questão de pesquisa proposta na investigação foi utilizada a técnica de análise de conteúdo das entrevistas. Tal técnica busca compreender de forma confiável o conteúdo de discursos orais e/ou escritos, composto por dados e informações de determinado contexto, pronunciados por agentes de um dado campo ou área de atuação (MARTINS; THEÓPHILO, 2009; BARDIN, 2009). Nesse artigo, a análise de conteúdo buscou entender e explicar as atitudes, valores e percepções dos agentes imbricados no campo científico da contabilidade, mediante o exame das entrevistas realizadas com os respondentes.

Existem duas possibilidades de análise de conteúdo por meio da mensagem: o código e a significação. Segundo Theóphilo (2004) e Bardin (2009) o código é um indicador que revela realidades subjacentes, possui uma natureza formal e não é exigido em todos os estudos, enquanto a significação inclui outros destaques na análise de conteúdo. Os autores utilizam como exemplo o campo literário, no qual uma análise do código se preocupa com a diversidade de palavras utilizadas num texto, o comprimento das frases, entre outras; e uma análise de significação foca os temas debatidos pelos autores ou a sequência lógica que os assuntos são apresentados, etc. Nessa investigação, a análise das mensagens foi realizada por meio da significação, apesar de considerar também nas entrevistas aspectos formais.

Para que a análise de conteúdo pudesse ser aplicada, foi necessário a construção de categorias de análise apoiadas no referencial teórico da teoria *bourdieusiana*. De acordo com Martins e Theóphilo (2009, p. 99), a categorização “[...] é um processo de tipo estruturalista e envolve duas etapas: o inventário (isolamento das unidades de análise: palavras, temas, frases etc.) e a classificação das unidades comuns, revelando as categorias (colocação em gavetas [...]). Para esse estudo, as categorias e subcategorias foram descritas no item 3.1 por meio dos constructos e das definições operacionais das variáveis em análise.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Por meio das respostas obtidas em entrevistas realizadas com nove pesquisadores considerados influentes na área de Ciências Contábeis, no Brasil, objetivou-se mapear o *habitus* dos agentes no campo científico contábil brasileiro, levando-se em consideração que *habitus* para este artigo é uma regra feita pelos próprios agentes do campo ou, melhor, “[...] um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem: é uma espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio [...], ou seja, nasce de uma intersubjetividade compartilhada pela maioria dominante dos agentes do campo, que possuem maior capital simbólico, e é reproduzido pelos demais pesquisadores da área, tornando-se institucionalizado e legitimado no campo como um todo (BOURDIEU, 2009, p. 23).

Assim sendo, procurou-se identificar as formas de atuação dos agentes no campo científico contábil para que se possa traçar um panorama geral dos procedimentos e condutas relacionadas às comunicações científicas da área contábil brasileira. Como primeiro questionamento, conforme roteiro descrito no Quadro 2, os entrevistados foram convidados a contribuir com suas observações e experiências, no sentido de sinalizar o porquê de muitos pesquisadores utilizarem algumas condutas de pesquisa no cenário atual, tais como: citationismo, ausência de desvios das teorias já estabelecidas, publicações muito pulverizadas [*Salami Science*], escambo autoral e problemas éticos [plágio, autoplágio e gerenciamento de protocolos].

Nesse sentido, todos os entrevistados consideraram como principal motivo dessas iniciativas por parte dos pesquisadores do campo, a necessidade de publicação para atender às exigências dos órgãos reguladores da área científica. Colaborando para esse entendimento, o Entrevistado 1 argumentou que o comportamento humano “[...] reflete o ambiente em que ele está. A gente hoje na academia realmente tem uma pressão muito grande por publicação, por máximo de citação, [...] eu não duvido que realmente dada essa pressão as pessoas tendem a facilitar a vida delas de alguma forma [...]”. De forma similar, o Entrevistado 2 defendeu que os incentivos e as pressões que existem no meio acadêmico direcionam o comportamento dos pesquisadores, porquanto “[...] o ser humano em qualquer área, seja na pesquisa, seja dentro de uma empresa ou em qualquer tipo de organização ou situação ele vai tentar jogar o jogo [...]” e cientificamente esse jogo ocorre por meio das publicações e citações. Adicionalmente o Entrevistado 3 advogou que não são somente os órgãos reguladores que influenciam essa dinâmica, pois:

[...] por outro lado, tem professores que não produzem somente para atender a CAPES. Eles produzem por uma certa vaidade, eles produzem porque eles são PQs, eles produzem porque eles querem estabelecer uma relação de poder [quanto mais eu produzo, mais eu sou reconhecido na área] e por conta disso o cara faz um número exagerado de pontuação na CAPES, mas aquela pontuação não significa muita coisa. Só que para ele faz bem. Faz muito bem para o pesquisador ele ser totalmente díspares em relação aos seus pares. Então eu preciso, eu busco ter 3.000 pontos porque isso me estabelece como sendo o melhor pesquisador, me estabelece como sendo um cara que vai ter uma visibilidade diferente na área. E nunca ninguém disse que para você ser um bom pesquisador, você precisa ter 2.000 pontos no triênio...3.000 pontos...4.000 pontos, como já tem acontecido ultimamente. Então eu acho que de um lado você tem órgãos de fomento pedindo para que você produza uma certa quantidade e por outro lado você tem a busca do estabelecimento de poder (ENTREVISTADO 3).

Essa visão defendida pelo Entrevistado 3 está perfeitamente alinhada com a teoria *bourdieusiana* porquanto, para essa vertente teórica, o campo científico é “[...] um campo de lutas, estruturalmente determinado pelas batalhas passadas, no qual agentes/cientistas buscam o monopólio da autoridade/competência científica” (HOCHMAN, 1994, p. 209). Assim sendo, alguns pesquisadores tendem a utilizar as regras do jogo científico, nesse caso ditadas pela CAPES e demais órgãos reguladores das publicações científicas, para justificar suas atitudes produtivistas na busca do poder simbólico para dominar o campo. Complementarmente Hochman (1994, p. 209) pondera que:

Os conflitos que ocorrem no e pelo domínio desse campo são entre agentes que têm lugares socialmente prefixados no mesmo, assim como qualquer agente na sociedade, e são fundamentalmente interessados, isto é, desejam maximizar, e se puderem monopolizar, a competência/autoridade científica - reconhecida pelos pares. O campo científico instaura-se com um conflito pelo crédito científico. Portanto, o campo científico como *locus* de análise se distancia muito da comunidade de especialistas que cooperam para o avanço do conhecimento.

Com relação ainda a estas condutas praticadas por pesquisadores brasileiros da área contábil, o Entrevistado 4 foi além e aprofundou que em sua percepção três motivos colaboram para que esse fato ocorra: [1] falta de clareza nas definições do que é plágio, autoplágio, *salami science* e outros, o que faz com que os pesquisadores se sintam livres e absolvidos por cometerem equívocos que muitas vezes são intencionais; [2] dificuldades de penalização para os agentes que cometem problemas éticos na pesquisa, até em consequência dessa falta de clareza conceitual e; [3] a questão da produtividade exigida pelos órgãos de pesquisa e já mencionada pelos outros respondentes.

Com relação à falta de clareza nas definições do que é ético nas condutas de pesquisa, o Entrevistado 4 asseverou que toda a visão de plágio está voltada para a quantidade de texto colocada em determinada publicação e não para a qualidade, ou seja, o plágio é visualizado normalmente somente como uma cópia textual idêntica, deixando-se de lado a questão do uso inadequado da ideia intelectual original, mesmo em paráfrases. Adicionalmente o respondente também se posicionou com relação ao *salami science* afirmando que dependendo da área de pesquisa e do conhecimento gerado é perfeitamente compreensível que se possa ter mais de uma publicação científica para reportar os resultados obtidos. De forma similar, a Entrevistada 8, alegou que:

[...] também tem algo que eu acho que acontece de desinformação, às vezes a pessoa nem sabe que aquilo que ela está fazendo efetivamente é plágio. Tudo bem quando é citação direta, mas quando é citação indireta até aonde que você realmente está reescrevendo com outras palavras, é difícil você manter-se fiel à ideia do autor, escrevendo com as suas próprias palavras [...] eu acho que a questão de citação é um pouco mais fácil de resolver, mas essa questão de autoplágio, ou de dividir os resultados da pesquisa, quanto tempo você tem que esperar para publicar os resultados da pesquisa, eu acho que já são questões mais difíceis de decidir e saber até onde a gente pode ir e até onde que não pode, algumas questões não estão bem definidas.

Nessa mesma linha argumentativa, o Entrevistado 4 ponderou que devido a essa falta de clareza e definição surge também a dificuldade de penalização para as atitudes que ofendem a ética na pesquisa. Colaborando para esse entendimento, o Entrevistado 5 afirmou que “[...] eu nunca vi, na instituição que eu trabalho pelo menos, alguma iniciativa com relação a atitudes de alunos que copiam, que fazem plágio, mesmo nos programas stricto sensu nunca vi isso. Então, eu acho que há uma certa sensação de que não vai ser punido”. De forma a complementar esse panorama, o Entrevistado 5 aduziu que:

E outra, eu acho que falta muita profundidade para as pessoas, eu acho que as pessoas leem pouco, escrevem pouco e se preocupam muito pouco com essas questões, especialmente quem está na academia, se preocupa muito pouco com as questões metodológicas. Eu percebo egressos de programa de mestrado que tangenciaram a disciplina de metodologia, as leituras, fazem citação da citação como se tivessem lido na fonte. E também eu vejo que há um certo despreparo dos próprios professores orientadores nessa questão [...]. Eu vejo que as pessoas citam seus trabalhos sem o menor pudor, quando eu acho que deveriam tomar cuidado com isso [...].

Diante desse contexto, alguns respondentes acreditam que todas as condutas de pesquisa refletem algo mais íntimo de cada agente no campo: o caráter. Assim, a Entrevistada 6 advogou que há uma forte pressão por publicação, todavia, determinadas condutas são reforçadas quando o pesquisador já possui uma tendência para isso, “[...] porque eu acredito que uma pessoa que tenha um caráter forte, mesmo que ela tenha uma pressão enorme de produção, ela tem alguns preceitos e alguns pressupostos de vida que não permitem que ela realize algum tipo de, vamos dizer assim, pecado na área da pesquisa”. Seguindo esse raciocínio, o Entrevistado 4 asseverou que “[...] você pode ser alguém que tem dificuldade, publica onde você pode, e você é honesto; e você pode ser um cara super reconhecido pela sociedade, ambicioso e que de alguma forma não tem princípios. E isso não é por que a CAPES pressiona [...]”. Deste modo, colaborando para o entendimento de todo o processo de pesquisa contábil no Brasil, o Entrevistado 2 advogou que:

Então, no Brasil e na área de contabilidade especificamente, eu acho que esses comportamentos que você falou também já existem, porque as pessoas também estão

jogando o mesmo jogo, só que aqui o jogo é um outro jogo, é um jogo definido pela CAPES, só que as pessoas também querem publicar, também querem atingir sua pontuação e, eventualmente o que você falou aí, existem comportamentos, digamos assim, não sei se a gente poderia chamar de antiéticos, se condutas que as pessoas fazem no intuito de jogar esse jogo. Então, eu diria que as razões elas vêm muito do comportamento humano. O ser humano, às vezes está tentando burlar o sistema, tentando jogar o jogo, tentando atingir aquele objetivo que ele precisa e então como não tem muita fiscalização sobre isso, acaba tendo esses comportamentos, digamos assim, antiéticos, não sei se errados ou enfim, dessa coisa de citar por citar, dessa coisa de pulverizar, dessa coisa de entrar vários autores que às vezes não fazem, essa coisa de seguir meio que o mainstream e não fazer críticas, da pesquisa ser meio igual.

Em suma, quase a totalidade das respostas sinalizaram que a percepção dos entrevistados sobre essa primeira questão é de preocupação com a situação atual da ciência contábil em sentido amplo, no concernente às condutas equivocadas que alguns agentes do campo estão cometendo. Em contraposição, a Entrevistada 6 defendeu que “[...] em alguns momentos também, eu sinto que há, vamos dizer, um excesso de preocupação. Sim, eu tenho visto casos de exemplos disso que você disse, de reprodução de pequenos pecadinhos, mas não com a intensidade como que o assunto vem sendo tratado”. Diante dessas exposições quase unânimes, por parte dos respondentes, de que as condutas perguntadas são explicadas pelas pressões por publicação existentes no campo científico como um todo, observou-se a necessidade de questioná-los sobre de que forma essa “necessidade por publicação” influencia o desenvolvimento da produção científica contábil no Brasil.

Nesse contexto, o Entrevistado 3 ponderou que não consegue ter uma opinião formada se a necessidade de publicação influencia ou não o desenvolvimento das comunicações científicas em contabilidade, porquanto, “[...] se eu falar que sim, eu sou a favor dos critérios de regulação da CAPES, se eu falar que não influencia, eu teria que partir do pressuposto que se o sujeito é um pesquisador, ele já desenvolveu a consciência da necessidade de contribuir para a área como um todo”. Sob outro ponto de vista, o Entrevistado 2 afirmou que a necessidade de publicação é o principal *driver* do campo científico contemporâneo. Segundo o respondente, antes dos anos 2.000 os pesquisadores publicavam pouco porque tinha uma escassez de periódicos na área contábil e não havia uma pressão muito grande sobre os autores para divulgar seus resultados de investigações. Contudo, a partir do momento em que a CAPES começou a exigir dos programas de pós-graduação uma produção científica maior e esses PPG foram se proliferando, as pessoas começaram a publicar suas pesquisas em maior quantidade, fazendo com que a área tivesse um aumento exponencial no número de comunicações científicas, muitas vezes deixando em segundo plano a qualidade de tais trabalhos. Assim sendo:

Então, eu acho que a CAPES, sem dúvida, é a principal influência. A forma como ela influencia é fixando os critérios. Agora, a interpretação de como esses critérios são aplicados, eu acho que varia de acordo com o programa. [...]. Então, eu acredito que a CAPES, ela dá as linhas gerais do que o programa tem que atingir em termos de publicação e acaba influenciando e a comunidade em si acaba interpretando essas regras da maneira como entende melhor para o programa. Nesse sentido, eu acho que muito se tem criticado em relação à quantidade, mas a CAPES também não exige tanto a quantidade que a gente faz. Ela exige ali a pontuação dos 150, enfim, alguns artigos por triênio e as pessoas começam a publicar muito no triênio e, alguns defendem que querem atingir a pontuação mínima [...], mas a gente levou isso no extremo de publicar muita quantidade e esquecer um pouco a qualidade e também não é só culpa da CAPES. [...]. Eu diria que um outro fator que a gente começa a ver hoje que influencia a publicação, em alguns programas, também é essa questão de bolsa de produtividade que a gente começa a perceber que alguns pesquisadores têm

focado em conseguir bolsa de produtividade e para conseguir isso tem que ter também bastante publicação, então acaba sendo uma influência (ENTREVISTADO 2).

Na mesma linha argumentativa, o Entrevistado 7 ajuizou que a necessidade de publicar pode influenciar tanto positivamente, quanto negativamente o desenvolvimento das investigações na área contábil. De acordo com o respondente, se essa necessidade é devido a uma inserção do pesquisador no ambiente científico internacional, necessariamente o autor deve publicar algo com qualidade, todavia, “[...] se essa necessidade é a CAPES, eventualmente, então eu posso começar a jogar com os números da CAPES de maneira que eu consiga atender à necessidade, mas não necessariamente publicando trabalhos de qualidade”, o que muda é o direcionador dessa necessidade. Contrapondo-se a essa percepção, a Entrevistada 9 advogou que essa influência da variável “necessidade de publicação” sobre o desenvolvimento científico das produções contábeis é negativa, pois:

Exatamente por isso, pela necessidade de ter publicação as pesquisas não são feitas com profundidade e na maioria das vezes, sem muitas novidades, muita repetição, pesquisas com pouca qualidade mesmo, vamos dizer assim. Acho que a influência não é positiva. Talvez tenha até um lado positivo nisso, porque a gente partiu talvez de um zero, onde poucos se preocupavam em escrever, as pessoas não se preocupavam muito com isso, mas eu acho que nós chegamos a um extremo que tem que ser repensado. Eu acho que não pode ser nem não produzir nada, porque não é bom, mas como está se produzindo, por conta de uma demanda mais formal, do que realmente um foco na pesquisa em si, na natureza da pesquisa, eu acho que isso daí é um exagero, tem que encontrar um meio termo, mostrar a qualidade das publicações (ENTREVISTADA 9).

Como a maioria dos entrevistados acreditam que grande parte das condutas realizadas nas publicações científicas, por parte dos pesquisadores, decorre das exigências dos órgãos de fomentação científica, questionou-se aos respondentes se eles concordam com as medições de qualidade do programa Qualis da CAPES para os periódicos científicos da área. Caso contrário, pediu-se aos entrevistados que apontassem as inconsistências e possíveis soluções para os problemas levantados. Nesse contexto, apesar de alguns respondentes apontarem que a CAPES direciona os pesquisadores da área para o chamado *produtivismo* acadêmico, nas respostas aos questionamentos feitos anteriormente, não se observaram críticas ou apontamentos que sinalizassem esse pensamento, nessa pergunta especificamente, o que parece supor uma dificuldade por parte dos pesquisadores em posicionar-se formalmente e politicamente a favor ou contra as políticas de pesquisa do programa Qualis da CAPES.

Assim, o Entrevistado 3 asseverou que no escopo do que a CAPES considera como alto padrão de qualidade existe uma coerência nos procedimentos de classificação dos periódicos, porque busca métricas de avaliação qualitativa para as publicações científicas, sendo aderente aos sistemas avaliativos internacionais. Corroborando com essa visão, a Entrevistada 9, que faz parte da elaboração das políticas de avaliação da CAPES para a área contábil defendeu que:

Eu acho que o programa Qualis da CAPES dá um sinal para o pesquisador que tem um estudo e sabe que esse estudo está muito bom, então, o autor sabe para onde direcionar, nesse sentido, eu acho que ele tem o seu valor, ainda mais nesse escopo que a gente acabou de comentar, com a história do produtivismo, de que as pessoas têm que pontuar e os programas tem que fazer pontos para ser bem pontuado. Então, assim, de qualquer maneira dá um norte para os pesquisadores. [...] falhas têm, é um processo que é uma comissão que faz, então não é nenhum sisteminha que é redondo, que é objetivo, a avaliação é subjetiva. Por mais que a gente estabeleça parâmetros e critérios para classificar as revistas, têm problemas também, mas eu acho que dá um norte para os pesquisadores e para a área nas publicações. E nesse sentido eu acredito que é válido. O que talvez necessite, e que a gente está tentando implantar

ou ir nessa direção é contar menos pontos e avaliar melhor a qualidade. Proposta nossa para o próximo triênio para a avaliação é dar limites de pontuação e dar prioridade para a qualidade da produção dos programas, dos docentes e em consequência dos programas. Essa é a nossa ideia, mas a gente ainda está estudando como será feita essa avaliação, mas com certeza iremos tentar fugir desse produtivismo que está reinando na área.

Na compreensão da Entrevistada 8, a CAPES prioriza o que determinado grupo de pesquisadores mais influentes da área de contabilidade entende como sendo uma boa pesquisa e, adiciona que, em sua percepção, mediar a qualidade das publicações pelo número de citações é um critério falho. Complementando essa ideia, o Entrevistado 2 defendeu que o número de citações de uma publicação provoca limitações na avaliação qualitativa deste estudo, porquanto podem haver autocitações, citações elogiosas, citações promovidas pelos pares em atitudes corporativistas, e assim por diante. Além disso, um estudo pode ser muito citado como um exemplo de má conduta científica. Nesse sentido, o respondente advogou que uma das formas de avaliação qualitativa das publicações seria medir o impacto social causado pela investigação em questão, ou seja:

Não adianta ser citado só por acadêmico, que impacto está trazendo para a profissão, para as empresas, então assim, esse artigo ele mudou a vida de alguém na prática? Ele foi uma coisa que gerou mudanças nas empresas? Gerou mudanças na sociedade? Ele foi citado em jornais de grande circulação? Ele gerou controvérsias? Enfim, ou ele ficou só no meio acadêmico, sendo bastante citado também, talvez só pelos pares, mas morreu aí. Então eu acho que esse outro aspecto também precisa ser avaliado, talvez precisaria discutir como é que a gente vai divulgar a nossa pesquisa também para os não acadêmicos, para poder atingir esse objetivo, mas eu acho que é um objetivo importante porque no final das contas, um aspecto importante da pesquisa é o impacto que ela está tendo na prática. Então, eu acredito que uma das críticas que a gente ouve e tem um ponto de verdade é que a pesquisa não serve para nada, então, ninguém lê, ninguém usa, não serve para nada, e precisamos mudar essa realidade.

Quanto aos demais entrevistados, não foram obtidas respostas diferentes das já apresentadas, sinalizando a dificuldade que alguns pesquisadores têm de posicionamento crítico diante de questões polêmicas envolvendo as estruturas de poder simbólico presentes na área científica. Para finalizar o levantamento do *habitus* dos agentes imbricados no campo científico contábil, foi perguntado aos entrevistados sobre a percepção deles quanto ao tratamento das publicações científicas como mercadorias acadêmicas, conforme defendem Castiel e Sanz-Valero (2007), Wreszinsky (2012) e Righetti (2013). Nesse sentido, todos os respondentes concordaram plenamente com essa ideia.

Na visão do Entrevistado 2, esse processo de tratamento das publicações científicas como mercadorias ou produtos tem aspectos de caráter positivos e negativos. Para o respondente, o atributo positivo é o de que ao se tratar uma comunicação científica como produto, isso trouxe uma profissionalização para a pesquisa como um todo, no sentido de ser um “[...] produto que eu tenho que elaborar, que eu tenho que fazer, que tem regras, e aí talvez a analogia dos produtos em elaboração, que a gente usa lá em custos, seria o *working process*, como é que eu estou melhorando esse produto, que o produto não está acabado [...]”, e nesse sentido, esse raciocínio não é algo ruim porque força o pesquisador a tentar melhorar cada vez mais seu produto para que todos o aceitem no mercado científico. Contudo, em contraposição a isso, o Entrevistado 2 advertiu que:

O lado negativo disso é quando a gente foca demais no processo, a gente acaba perdendo a essência do que é a pesquisa, então, se transformou um negócio tão profissional e tão comercial que virou realmente um processo produtivo, [...]. E aí eu

acho que quando você vai muito para esse lado, do processo em si, você acaba perdendo a essência. Então, eu acho que isso tem gerado um ponto negativo que é as pessoas só preocupadas em processo, em atingir objetivos que vão levar a retornos financeiros para eles, profissionais também, e a gente esquece porque a gente está fazendo a pesquisa, o que a gente quer aprender, o que é relevante, qual é a nossa contribuição. Então, o ponto negativo é que isso tem gerado eu acho que um pouco da perda da relevância, pelo foco virar muito no processo e no fim, e a gente esquecer um pouco do meio.

Nessa mesma linha de raciocínio, o Entrevistado 7 declarou que entende essa ideia de publicações científicas tratadas como mercadorias sob dois aspectos: uma primeira visão é considerar o ambiente acadêmico como um mercado restrito em que o principal produto desse negócio é a comunicação científica que se torna tangível por meio dos manuscritos, artigos e livros. Todavia, pode-se contestar essa ideia a partir do momento em que o pesquisador propõe publicar seus trabalhos em troca de valores que afrontam questões éticas, ou seja, “[...] porque pode ser que eu posso estar fazendo isso em troca reputação, em troca de reconhecimento, em troca de uma quantidade de pontos [...]. Então, a maneira que a gente se relaciona com esse produto ou o uso que a gente faz desse produto é que pode ser questionado” (ENTREVISTADO 7). Colaborando para esse entendimento, o Entrevistado 3 defendeu que:

Eu não tenho a menor dúvida que ele está correto. Isso é tão verdade que no Brasil ainda a gente não faz por conta de uma restrição da própria CAPES, mas em periódicos internacionais, em diversos periódicos internacionais isso está muito claro na política da revista que você precisa pagar uma taxa para a publicação do seu artigo. Por vezes aparece nas revistas, nas políticas editoriais, a taxa é para avaliação e por vezes aparece que a taxa é para a publicação do paper. E aí eu trato isso como uma mercadoria. Inclusive você cede os direitos autorais para essa revista. Se você pensar que no Brasil quase todos os periódicos têm uma carta de concessão de direitos autorais para a revista, isso não seria um produto? Mas a gente acaba não cobrando, as revistas acabam não cobrando, com exceção de uma ou duas revistas que eu conheço no Brasil inteiro que cobram. Então eu acho que se aproxima de um produto, tanto se aproxima que quanto mais o artigo é citado, mais ele é valorizado. Tanto se aproxima que as revistas ultimamente já condicionam a publicação de seu paper a citar um outro produto dela mesma, desde que você cite um outro artigo.

A Entrevistada 8 ponderou que além desse tratamento das publicações científicas como mercadorias ao nível de periódicos, podem-se encontrar esses pensamentos também nas pequenas atitudes dos autores, influenciando assim o campo científico como um todo. Segundo a respondente, a negociação entre autores no processo de coautoria em artigos, ou escambo autoral, é um exemplo dessa atitude por parte dos agentes no campo, porquanto todos saem pontuando nessa transação. O Entrevistado 5 advertiu que toda essa problemática levantada faz parte das regras do jogo científico que todos os pesquisadores decidem participar e jogar, e nesse sentido:

Eu acho que faz parte de um arranjo. Nesse arranjo você tem que produzir. Se você produz, você tem uma moeda de troca, se você não produz, você não tem. Ou seja, eu costumo brincar que quando a gente entra nesse meio, a gente entra num clube. Então tem as regras do clube, mesmo você não concordando, você tem que seguir. É a moeda de troca. Pense bem, você consegue bolsa se você tem produção; você consegue bolsa se você tem projeto. Você eventualmente pode ser chamado para participar de uma ou outra coisa fora os aspectos políticos em função da produção. Portanto, é uma moeda de troca, ou seja, é uma commodity.

Assim, diante das considerações expostas pelos respondentes pode-se ter ideia de como está o *habitus* dos agentes no campo científico contábil. Primeiramente, observou-se que existe uma inclinação da área para o *produtivismo* acadêmico, ou seja, ficou evidenciado na fala de todos os respondentes que a área contábil segue os mesmos padrões do que está ocorrendo nas outras esferas do conhecimento científico. Nesse contexto, a teoria *bourdieusiana* defende que os campos funcionam como dimensões da própria sociedade, propondo que os diversos campos científicos funcionam de forma equivalente. Assim:

Essa competição capitalista, justamente por ser capitalista, implica que o seu produto está amplamente condicionado pelos recursos que cada agente e instituição possui ao entrar na mesma. O campo científico não é o resultado da simples interação dos agentes. Mesmo as regras desse jogo, válidas igualmente para todos, estão definidas - como expressão de conflitos anteriores - pela autoridade científica estabelecida, que tenderá a se reproduzir e a acumular capital científico, mantendo o seu lugar dominante no campo. A definição do que está em disputa no campo científico também faz parte da luta científica. Bourdieu vai além de um simples isomorfismo, de uma correspondência, propondo uma relação direta, praticamente sem distinções, entre campo científico e estrutura da sociedade (HOCHMAN, 1994, p. 211).

No decorrer das entrevistas, observou-se que na percepção dos respondentes, essas condutas produtivistas derivam de duas questões: [1] da estrutura de avaliação das publicações por parte dos órgãos que regulamentam as pesquisas científicas no Brasil, porque propiciam essas atitudes de maior quantidade produzida, por parte dos pesquisadores, devido às exigências de pontuação para que os agentes possam manter-se no campo científico; e [2] das lutas para aumentar o capital simbólico no interior do campo, porquanto, para muitos agentes, tão importante quanto pontuar são o prestígio e o reconhecimento na área onde atuam. Nesse sentido, Hochman (1994, p. 210), baseando-se na teoria *bourdieusiana*, advoga que:

[...] a autoridade/competência científica é um capital que pode ser acumulado, transmitido e convertido em outras formas de capital, inclusive monetário, o processo de acumulação do capital científico seria idêntico ao de qualquer outro tipo: inicia-se com a acumulação primitiva no processo educacional e nas primeiras etapas da vida profissional (origem do diploma, cartas de recomendação); tem continuidade após a obtenção de um capital suplementar com o reconhecimento dos seus primeiros trabalhos, títulos e publicações; e se consolida a partir da determinação de seu lugar no campo, que será definido pela possibilidade de acumulação permanente de capital científico e de impor-se como autoridade na respectiva área. Uma dada estrutura de distribuição de poder - uma distribuição de capital científico entre os cientistas e instituições em competição orienta as estratégias e seus investimentos no presente; inclusive as aspirações científicas de cada um dependem do capital já acumulado.

Nesses termos, os respondentes também concordaram que há uma falta de relação entre o que é produzido em termos de pesquisas na área contábil e o que realmente é relevante para a sociedade como um todo, ou seja, há um destacado descompasso entre o que se pesquisa academicamente e os problemas contábeis que precisariam ser resolvidos ou estudados mais profundamente no cotidiano empresarial e, por essa razão poucos leem e tampouco discutem as investigações do campo contábil. De acordo com a percepção dos entrevistados há uma tendência de pesquisas contábeis ramificarem-se lateralmente ao invés de se buscar novas teorias para crescimento prático e científico da Contabilidade, por exemplo, um pesquisador estuda a implantação de um determinado instrumento contábil no segmento industrial têxtil e outros pares legitimam esse artigo no campo; após esse artigo estar consagrado, outros replicam a mesma ideia para o setor comercial, para a indústria farmacêutica, para a prestação de serviços, etc., mas poucos procuram criar uma teoria que vise explicar esses fenômenos para que ocorra o crescimento científico da área.

Para que isso pudesse acontecer, as pesquisas teriam que ter mais profundidade e isso acarretaria um tempo muito maior de dedicação e também de recursos. Quase não se encontram estudos contábeis nos quais um pesquisador investigou variáveis durante 10 ou 15 anos, em profundidade, de forma qualitativa, ou estudos experimentais isolando variáveis e as manipulando para verificar a existência de fenômenos diferentes dos citados na literatura corrente. Tal fato ocorre porque a pesquisa científica contábil brasileira ainda é muito incipiente, o que torna a área pulverizada de pesquisadores com diversos níveis de conhecimento científico e pelo fato dos agentes priorizarem o imediatismo para que possam publicar o maior número possível de estudos em pouco tempo e destacarem-se simbolicamente no campo. Nessa mesma linha argumentativa Martins (2014, p. 106), adverte que:

O círculo vicioso já se instalou: os pesquisadores não produzem artigos conceituais que proponham mudanças na prática; se os produzem, não os enviam porque sabem que não serão aceitos pelas revistas, principalmente os autores mais robustos porque se sentem diminuídos com essa constante negativa de divulgação. Os editores recebem, por sua vez, cada vez menos artigos teóricos (e para usar um linguajar já um pouco batido e problemático, normativos) e, quando recebem, estão, por causa desses motivos mencionados, em um nível de qualidade sofrível. E pior, como o volume dos artigos positivistas de qualidade também não é infinito, acabam as revistas de contabilidade publicando trabalhos sobre governança, finanças, economia, sustentabilidade etc. etc. Às vezes, até sobre contabilidade...

Os respondentes também destacaram que uma das limitações do campo científico contábil é a falta de discussões, pelos agentes pertencentes à área, das pesquisas que são realizadas. Segundo os entrevistados essa seria uma das atribuições dos congressos científicos que recebem os manuscritos para coloca-los em debate e transforma-los em um artigo por meio da lapidação metodológica e das críticas feitas às bases teóricas e ao grau de importância, viabilidade e inovação da investigação em discussão. Todavia, essa tarefa raras vezes é cumprida pelos congressos na prática por inúmeras questões, sendo as principais delas a falta de argumentos científicos razoáveis, por parte dos participantes, para um bom debate e o direcionamento equivocado por parte de mediadores que muitas vezes enviam a direção dos comentários e deturpam o sentido original da investigação.

Outro fator relevante defendido pelos entrevistados é de que esse ambiente produtivista científico sinaliza um ambiente no qual as publicações científicas são tratadas como mercadorias acadêmicas. Deste modo, de acordo com Machado (2004) no cenário contemporâneo econômico, o conhecimento transformou-se, efetivamente, em um dos principais fatores de produção, constituindo, em algumas situações, um elemento fundamental na composição do preço final de produtos e serviços. Tal fato ainda é um dilema a ser resolvido pela ciência contábil, porquanto sabe-se que as entidades possuem ativos dessa natureza, como o capital intelectual, mas ainda, não se tem uma base para mensuração desse conhecimento. No ambiente acadêmico ocorre a mesma problemática, pois a produção e a circulação de produtos, mercadorias e serviços baseiam-se em certos princípios que podem ser aplicados parcialmente ao conhecimento, ou então, são absolutamente incompatíveis com esse universo. Nesse contexto, "[...] a materialidade, a fungibilidade, a objetivação, a estocabilidade, a confiança e a equivalência constituem alguns terrenos em que a 'mercadoria' conhecimento parece derrapar" (MACHADO, 2004, p. 28).

Assim sendo, em um primeiro momento pode-se observar a dimensão mercadológica da produção científica contábil por meio dos valores pagos às editoras de periódicos, por interessados, para os trabalhos que não têm acesso livre. Contudo, essa é uma leitura limitada da problemática tratada, visto que é cabível encarar as publicações científicas "[...] sob a ótica sociológica da dinâmica das comunidades científicas – como resultado de uma linha de investigação que ao lado de sua produção científica também gera capitais simbólicos",

revelando assim, alguns traços de mercadorias que estarão disponibilizadas em veículos de comunicação científica diversificados (CASTIEL; SANZ-VALERO, 2007, p. 3044). Assim, Machado (2004) pondera que, se disponho de certo conhecimento, posso negociá-lo com outrem que esteja interessado em adquiri-lo, todavia, diferente de uma mercadoria industrial, o comprador fica com o conhecimento, mas o vendedor não fica sem ele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES

O objetivo desta investigação foi analisar como se apresentam as estruturas sociais do campo científico contábil brasileiro, que afetam diretamente as publicações científicas. Diante das evidências, constatou-se a existência de uma conduta produtivista no campo da ciência contábil, de certa maneira preocupante, porquanto torna o ambiente científico da área estagnado. Apoiando-se em Bourdieu (2004, 2008, 2009, 2011, 2013), observou-se que as teorias, conceitos, metodologias, técnicas e demais escolhas realizadas pelos pesquisadores da área contábil, na maioria das vezes, não passam de manobras estratégicas que visam conquistar, reforçar, assegurar ou derrubar o monopólio da autoridade científica, visando a obtenção de maior poder simbólico no campo, ou seja, a produção de conhecimento em contabilidade, similar a outras áreas do conhecimento humano, não é desinteressada, neutra e preocupada com o progresso da área, mas é um caso de produção e distribuição capitalista de mercadorias, que foca, principalmente, a obtenção de prestígio e reconhecimento social. Contudo, tais evidências devem ser analisadas com cautela por se tratar de um estudo que não contemplou a totalidade de pesquisadores da área, tendo sido seus dados coletados por acessibilidade.

Nesses termos, embasando-se ainda em Bourdieu (2004, 2008, 2009, 2011, 2013), averiguou-se que o campo científico da contabilidade é um local de lutas simbólicas, no qual os agentes tentam acumular créditos científicos para obtenção de uma posição influente na área. É importante destacar que esse conflito que ocorre entre os agentes é regulado e aceito por todos os participantes campo que foram entrevistados e que, de forma paradoxal, conferem a seus pares/concorrentes o monopólio da autoridade/competência científica. Por todo esse conjunto de evidências, é possível afirmar que no campo científico contábil, semelhante ao que ocorre em outros campos do conhecimento, o mercado de bens científicos tem suas leis e regras impostas pelos agentes que atuam em instituições de ensino e órgãos reguladores da pesquisa dominantes no campo, que nada têm a ver com valores éticos, neutralidade ou progresso científico, mas com o prestígio e reconhecimento no campo por meio do valor distintivo do seu produto, proporcionado pelos produtos diferenciados e originais, de certa forma, escassos no mercado científico.

Portanto, o campo científico, nessa visão *bourdieusiana* transforma-se em mercado científico, no qual o agente para ser bem-sucedido depende de sua posição na estrutura do campo, determinada pela quantidade de capital simbólico amealhado pelos seus feitos científicos, ou seja, nem todos têm as mesmas possibilidades de crescimento acadêmico. Desta maneira, sendo o *habitus* um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, constata-se que no campo científico contábil brasileiro o *habitus* contribui para obtenção mais rápida de capital científico puro, por meio das publicações científicas, títulos, participações em congressos e encontros, participações em bancas, etc., o que explica o *produtivismo* acadêmico do campo contábil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. X. **Má conduta na pesquisa em Ciências Contábeis**. Tese de Doutorado em Ciências Contábeis – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2011.

ARAGÃO, I. R. B. N. **Hegemonia do Discurso Científico Contábil no Brasil**. Tese de Doutorado em Contabilidade – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, P. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. 2 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

CASTIEL, L. D.; SANZ-VALERO, J. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica? **Caderno de Saúde Pública**, v.23, n.12, 3041-3050, 2007.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DOMINGUES, I. O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 81, p. 225-250, 2014.
DOI: 10.1590/S0103-40142014000300014.

ESPEJO, M. M. S. B.; AZEVEDO, S. U.; TROMBELLI, R. O.; VOESE, S. B. O Mercado Acadêmico Contábil Brasileiro: Uma Análise do Cenário a partir das Práticas de Publicação e Avaliação por Pares. **Revista Universo Contábil**, v. 9, n. 4, p. 6-28, 2013.
DOI: 10.4270/ruc.2013428.

FORNEL, M. Habitus e etnométodos. In ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R-M. [coordenadores]. **Trabalhar com Bourdieu** (pp. 221-229). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. [organizadores]. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

GUARIDO FILHO, E. R. **A Construção da Teoria Institucional nos Estudos Organizacionais no Brasil: O Período 1993-2007**. Tese de Doutorado em Administração – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná, 2008.

HOCHMAN, G. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, V. [organizador]. **Filosofia, história e sociologia das ciências I: Abordagens contemporâneas** (pp. 199-231). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

MACHADO, N. J. **Conhecimento e Valor**. São Paulo: Moderna, 2004.

MACHADO, N. J. O Conhecimento como um Valor: As Ideias de A-Crescimento e de Commons [Editorial]. **Revista Contabilidade & Finanças**, 26(67), 7-10, 2015.
DOI: 10.1590/1808-057x201590020.

MAGALHÃES, F. A. C. **Construção de saber no programa de doutorado em contabilidade no Brasil**: Plataformas teóricas e motivações. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2006.

MARTINS, E. Pensata: Inversão de papeis. **Revista Contabilidade & Finanças**, v.25, n.65, 105-107, 2014.

MARTINS, O. S.; LUCENA, W. Produtivismo Acadêmico: As Práticas dos Docentes dos Programas de Pós-Graduação em Contabilidade. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, v. 7, n. 1, p. 66-96, 2014.
DOI: 10.14392/asaa.2014070103

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MIRANDA, G. J.; SANTOS, L. A. A.; CASA NOVA, S. P. C.; CORNACCHIONE Jr., E. B. A pesquisa em educação contábil: produção científica e preferências de doutores no período de 2005 a 2009. **Revista Contabilidade & Finanças**, v.24, n.61, p.75-88, 2013.
DOI: 10.1590/S1519-70772013000100008.

MOREL, R. L. M.; MOREI, C. M. Um estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do Institute for Scientific Information (ISI). **Ciência da Informação**, v.6, n.2, p.99-109, 1977.
DOI: 10.18225/ci.inf.v6i2.85.

REINACH, F. Darwin e a prática da 'Salami Science'. **O Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,darwin-e-a-pratica-da-salamiscience,1026037,0.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

RIGHETTI, S. Brasil cresce em produção científica, mas índice de qualidade cai. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/04/1266521-brasil-cresce-em-producao-cientifica-mas-indice-de-qualidade-cai.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

ROSA, A. R.; PAÇO-CUNHA, E.; MORAIS, C. A. T. Análise crítica do discurso como análise crítica das organizações: uma proposta teórico-metodológica com base na teoria simbólica de Pierre Bourdieu. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. [organizadores]. **Análise do Discurso em Estudos Organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009.

SCHEKMAN, R. How journals like Nature, Cell and Science are damaging science. **The Guardian**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2013/dec/09/how-journals-nature-science-cell-damage-science>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

SOUZA, T. A. S. **O inato e o apreendido**: A noção de habitus na sociologia de Pierre Bourdieu. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília, 2007.

THEÓPHILO, C. R. **Pesquisa em Contabilidade no Brasil**: Uma Análise Crítico-Epistemológica. Tese de Doutorado em Ciências Contábeis – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2004.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Métodos Estruturalistas**: pesquisa em ciências de gestão. São Paulo: Atlas, 2008.

VANZ, S. A. S.; CAREGNATO, S. E. **Estudos de Citação**: uma ferramenta para entender a comunicação científica. Em *Questão*, v.9, n.2, p.295-307, 2003.

WRESZINSKY, W. F. O mito da excelência acadêmica e a curiosidade científica. **Jornal da USP**, 12-13, outubro de 2012.